

Figura 45: Desenho de observação da aluna Naiara

7ª Semana

Nesta semana foi solicitado para que cada aluno trouxesse uma fruta, onde iríamos formar grupos com composições distintas. A intenção de formar esses pequenos grupos objetivava uma maior intervenção quanto as Inteligências Pessoais.

No decorrer das aulas pudemos verificar a necessidade que a maioria dos alunos tem em estar circulando pela sala e verificar o resultado do trabalho dos colegas, influenciando de uma certa forma no seu próprio, principalmente quando se trata de acabamento.

Outro ponto positivo refere-se à realização de trocas de diferentes experiências. Trata-se da aproximação que os sujeitos têm. Pudemos observar que, durante a execução das atividades, os sujeitos trouxeram à tona suas vivências, suas emoções através dos diálogos informais dentro dos grupos. Nessa perspectiva, GARDNER (1995) pondera que a Inteligência Interpessoal “[...] é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas (p.15). Há uma troca muito significativa entre o grupo, ocorrendo em certos momentos uma interrupção das atividades para observar e escutar o colega. Em certos aspectos, os alunos tornam as atividades mais lentas e

outros acabam por acelerar o processo do desenho por estarem “atrasados” e deixam a desejar quanto à qualidade do mesmo.



Figura 46: Alunos trabalhando em grupo



Figura 47: Alunos trabalhando em grupo

Fábio não trouxe uma fruta, mas em seguida “associou-se” a um grupo. Após muita conversa, o grupo de Fábio começou a desenhar as frutas. Nesse grupo ninguém sentiu dificuldades na atividade devido às formas simples a serem trabalhadas. Nesse aspecto, provavelmente pelo fato de já termos comentado em vários encontros sobre o processo de como realizar um desenho de observação, Fábio efetuou o desenho sem muita dificuldade.

A maioria dos alunos passou a ter, neste encontro, o seu primeiro contato com o lápis dermatográfico. Esse lápis deixou a todos muita curiosidade quanto ao resultado do processo. Nesse aspecto, explicamos a toda a turma que esse lápis era diferente ao habitual (6B) e que o seu resultado era mais denso e poroso devido à oleosidade nele contida.

Para Fábio foi de muita valia essa experiência, até porque podemos perceber que o resultado de seus desenhos de observação apresentaram uma qualidade muito melhor. Em comentário informal Fábio alegou ter conseguido soltar mais o seu traço através do lápis dermatográfico.

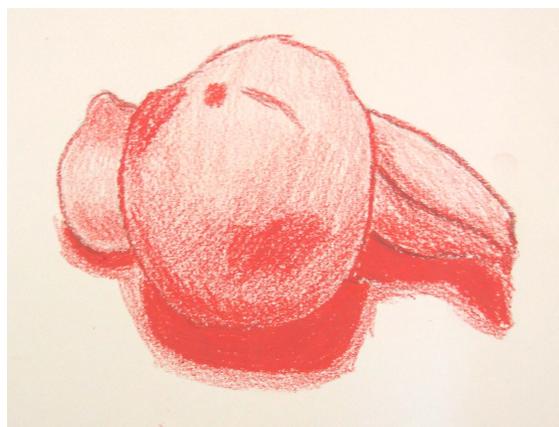
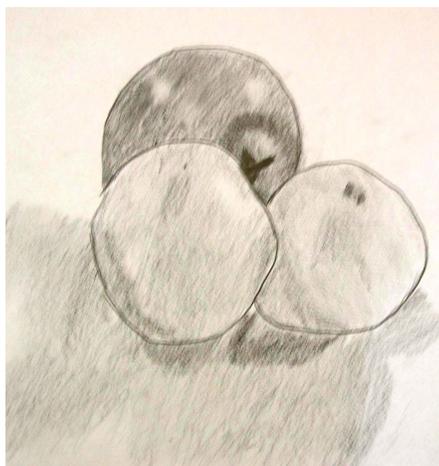


Figura 48: Desenho de observação do aluno Fábio

Já, Renata apresentou um traço muito rígido ao trabalhar com o lápis dermatográfico. Do exposto, percebemos que ocorreu o contrário do que aconteceu a Fábio. Renata, ao desenhar uma composição de frutas utilizando o lápis 6B, apresentou uma leveza irreconhecível.

Enquanto ela executava o seu desenho em grupo, pôde perceber uma colega que estava sentada a sua frente. Essa colega se dedicava muito àquele desenho,

inclusive quanto ao sombreado. Renata concluiu então que também poderia trabalhar assim. Porém, quando foi utilizar o lápis dermatográfico deixou seu traço muito rígido, como formas de blocos, totalmente oposto ao resultado que alcançou desenhando com o lápis e 6B.

Ao observar os desenhos, Renata percebeu e manifestou em palavras e expressões, uma melhora em seus trabalhos. Nesse aspecto, ficou-nos muito clara a importância de haver uma troca de sugestões, até mesmo visual entre os colegas para a evolução dos desenhos bem como da própria Inteligência Intra e Interpessoal.



Figura 49: Desenho da Renata de diferentes composições, utilizando lápis 6B e dermatográfico

Para Ana não houve novamente nenhum problema quanto ao uso de novos materiais e composição. Ana apenas encontrou um pouco de dificuldade em desenhar uma forma (manga) que apresentava pouquíssimos detalhes, o que dificultou o seu desenho. Ela alegou que a forma, pelo fato de ser oval e sem muitos detalhes, fez com que se perdesse várias vezes.

Ana sempre demonstrou ser bem comunicativa oportunizando aos colegas uma aproximação maior até a sua mesa com o intuito de observarem os seus trabalhos. Os mesmos prestaram muitos elogios quanto à composição, acabamento e paciência na execução de cada atividade desenvolvida por essa educanda.

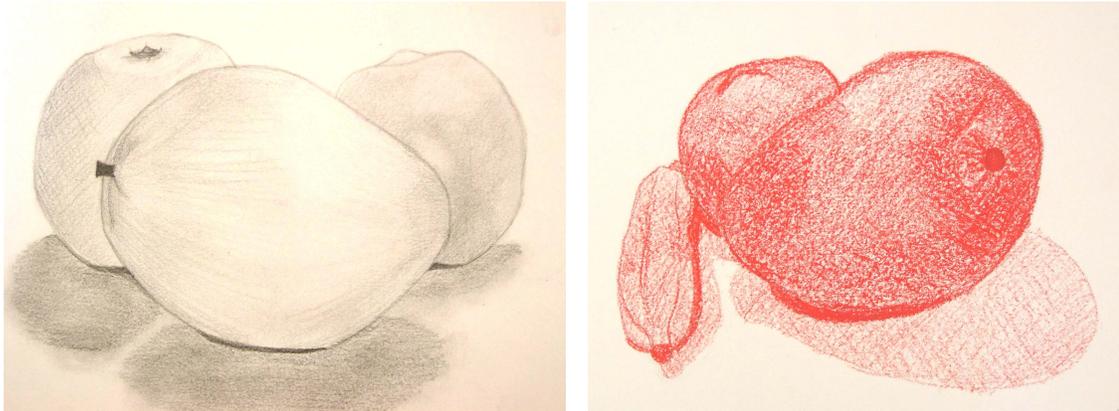


Figura 50: Desenho da Ana de diferentes composições, utilizando lápis 6B e dermatográfico.

Ricardo apresentou um trabalho semelhante ao de Fábio. Uma das poucas diferenças entre os dois é que Fábio apresenta, neste momento, a Inteligência intrapessoal bem mais desenvolvida que Ricardo. Mas este já está explorando a mesma pelo fato de ter começado a circular e conversar um pouco mais com os seus colegas.

Por sua vez, Naiara soltou o traço ainda mais utilizando o lápis dermatográfico. Apresentou uma destreza e leveza o que resultou em um desenho com suavidade (mesmo seu traço sendo de motricidade ampla, volume e pontos de contrastes que até então ela explorava muito pouco). Ela consegue captar rapidamente a disposição das formas e, em seguida, as transpõem para o papel. Foram poucas as vezes que Naiara se “perdeu” quanto à composição ao desenhar no suporte, pois primeiramente ela fazia um estudo geral da própria folha e, em seguida, começava, acentuando as formas corretas e acertando as que não condiziam com a composição.

Nessa perspectiva, podemos perceber que Naiara apresentava uma preocupação no que se refere à disposição espacial, pelo fato de, em um primeiro momento, realizar um estudo prévio da composição no suporte que estava utilizando para depois começar a executá-la.



Figura 51: Desenho da Naiara de diferentes composições, utilizando lápis 6B e dermatográfico

8ª Semana

No decorrer dos encontros foi possível observar uma certa dificuldade por parte dos sujeitos em desenvolver os desenhos. Questionados quanto à experiência de cada um sobre o assunto percebemos que a grande maioria nunca teve um desenvolvimento mais aprofundado do mesmo, resultando, assim, em desenhos de pouca qualidade.

Com essa preocupação em desenvolver a cada encontro um pouco mais do potencial de cada aluno, (quanto ao desenho de observação), sugerimos que os acadêmicos trouxessem imagens de paisagens para que pudessem desenhá-las de duas maneiras.

A primeira seria de cabeça para baixo, onde a figura fica de difícil leitura. Segundo EDWARDS (1984), o lado esquerdo do nosso cérebro (racional-objetivo) não consegue fazer a leitura da imagem devido à complexidade das formas e o lado direito (emocional-subjetivo) passa agir.

Com esse exercício, segundo GARDNER (1995), estaremos desenvolvendo a Inteligência Espacial pelo fato de utilizarmos o lado direito do cérebro, onde, segundo o autor é “[...] comprovadamente o local mais crucial do processamento espacial” (p.26).

Os próprios educandos se surpreenderam com os resultados. No decorrer da execução dos mesmos foi sugerido aos sujeitos para não desvirarem as imagens

para que, de certa forma, não pudessem identificar a figura ilustrada, pois, assim, o lado esquerdo do cérebro viria a interferir no desenho.

Após o término dessa atividade foi solicitado aos educandos que desenhassem a partir de uma figura ilustrada com paisagens. Os resultados foram bem variados e o próprio sujeito pôde perceber isso ao colocar lado a lado os dois desenhos: o realizado de cabeça p/ baixo e o normal.

Com esta atividade foi possível mostrar aos sujeitos que todos têm a mesma capacidade de desenhar, pois os que se diziam incapazes puderam ver, através dessa atividade, que na verdade o que ocorre, na maioria das vezes, é uma interferência das informações já existentes e memorizadas através do cotidiano de cada sujeito. No momento em que essas informações deixam de interferir no desenho de observação, é possível desenhar apenas o que se vê, sem acrescentar informações já adquiridas através da vivência de cada um.

Nessa perspectiva Fábio encontrou muita dificuldade para executar esta atividade, pois pegou uma imagem com pequenos detalhes. Dessa forma, usufruindo o lado direito quanto o esquerdo do cérebro, seus desenhos não tiveram resultados significativos. Ainda, podemos dizer que Fábio se mostrou bastante persistente nesta atividade, pois, mesmo sendo alertado da dificuldade que iria encontrar, ele quis dar continuidade.

Para Renata o desenho que realizou utilizando o lado direito do cérebro comprovou a ela sua capacidade de desenhar uma composição bem mais complexa que simplesmente uma de frutas, pois ela havia se questionado quanto à possibilidade de conseguir realizar este desenho, talvez pudesse desenhar apenas o que usufruía o lado esquerdo (ilustração no sentido normal).

Ela conseguiu resultados impressionantes, surpreendendo até mesmo a própria educanda ao desenhar a ilustração utilizando o lado direito do cérebro. Já, quando foi usufruir o lado esquerdo, sentiu muita dificuldade, ficando bem visível o estereótipo em seu desenho.

Nessa atividade, mesmo sendo executada individualmente, os alunos tiveram a liberdade de organizar ou não os grupos de desenho. (praticamente a turma toda os formou). Renata demonstrou mais intimidade com alguns colegas, passou a observar mais atentamente os desenhos realizados por eles e começou timidamente a circular pela sala de aula e comentar sobre o seu desenho e até mesmo dos colegas.

Os desenhos da Ana, ao observarmos num primeiro momento, não iremos presenciar nenhuma diferença entre um e o outro. Ela consegue representar a leveza do vento, bem como das próprias folhas dos coqueiros nos dois desenhos.

Ana demonstrou bastante insegurança ao ter que desenhar a partir de uma imagem de paisagem exposta ao seu lado, de cabeça para baixo, perguntando se não poderia iniciar pelo lado normal do desenho. Então explicamos que se ela desenhasse utilizando primeiramente o lado esquerdo, as imagens iriam ficar nomeadas e registradas em sua mente, dificultando o segundo desenho que iria usufruir o lado direito do cérebro.

Sendo assim, ela deu início ao seu desenho utilizando o lado direito do cérebro e, no decorrer do desenho, várias vezes questionou a possibilidade de desvirar o desenho para “conferir” a suja imagem com a ilustração. Foi difícil, mas Ana se conteve e, ao concluir o desenho, ficou muito surpresa com o resultado, assim como toda a turma.

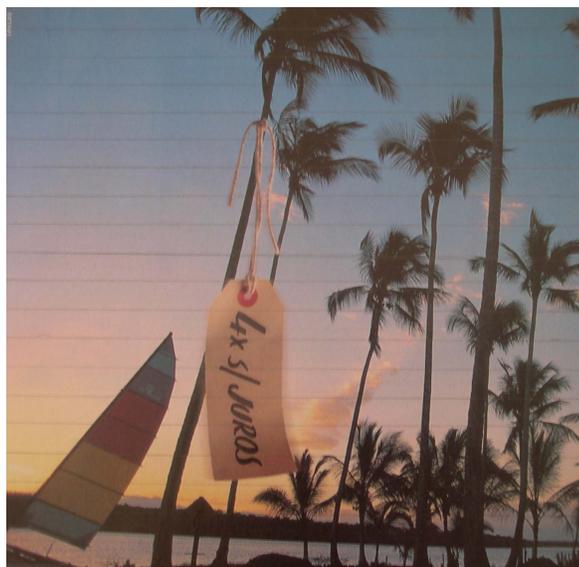


Figura 52: Ilustração utilizada por Ana

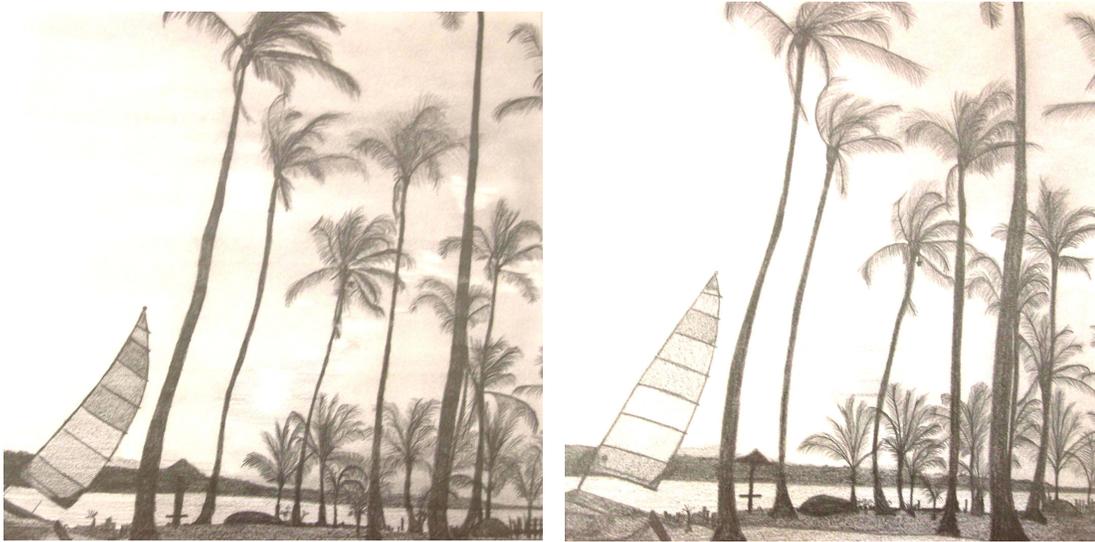


Figura 53: Desenho de Ana utilizando o lado direito e o esquerdo do cérebro

Ricardo relutou bastante antes de dar início ao seu desenho devido à dificuldade que ele deduziu que iria ter ao executar o mesmo, independentemente se seria o de cabeça para baixo ou o normal.

Ele achou viável circular primeiramente pela sala, como um processo de estímulo para a realização do seu desenho e pareceu funcionar, pois após alguns minutos de observação, Ricardo retornou a sua mesa e começou a desenhar utilizando o seu lado direito do cérebro.

No momento em que estamos trabalhando com o lado direito do cérebro, podemos, ao mesmo tempo, estar estimulando as Inteligências Pessoais, cinestésico-corporal bem como a espacial, pelo fato de estarmos trabalhando com o lado emocional, com o subjetivo, o criativo, onde estes estimulam o desenvolvimento dessas inteligências já que, segundo GARDNER (1997), elas estão diretamente ligadas às artes.

Nos desenhos da Naiara ficou explícito a diferença entre um e o outro. O que ela executou usufruindo o lado direito, seu traço ficou mais solto e se aproximou mais às formas com as da ilustração. No desenho que fez utilizando o lado esquerdo Naiara demonstrou pouca dedicação e a proporção ficou um pouco alterada.

Naiara, ao perceber que a colega aplicou linhas horizontais para melhor se situar na composição, resolveu fazer linhas horizontais e acrescentou as verticais,

resultando em pequenos quadrados. Segundo ela, isso a auxiliou muito para não se “perder” nos detalhes.



Figura 54: Ilustração utilizada por Naiara

Os pequenos quadrados desenhados na ilustração permitem ao sujeito restrições quanto às formas, não ocorrendo uma ampliação da percepção. Esse processo só foi utilizado quando ela efetuou o desenho com a imagem de cabeça para baixo. No desenho com a imagem no sentido “normal”, Naiara se despreendeu um pouco e várias vezes confundia as semelhantes formas apresentadas na imagem da revista e acabava por repeti-las.

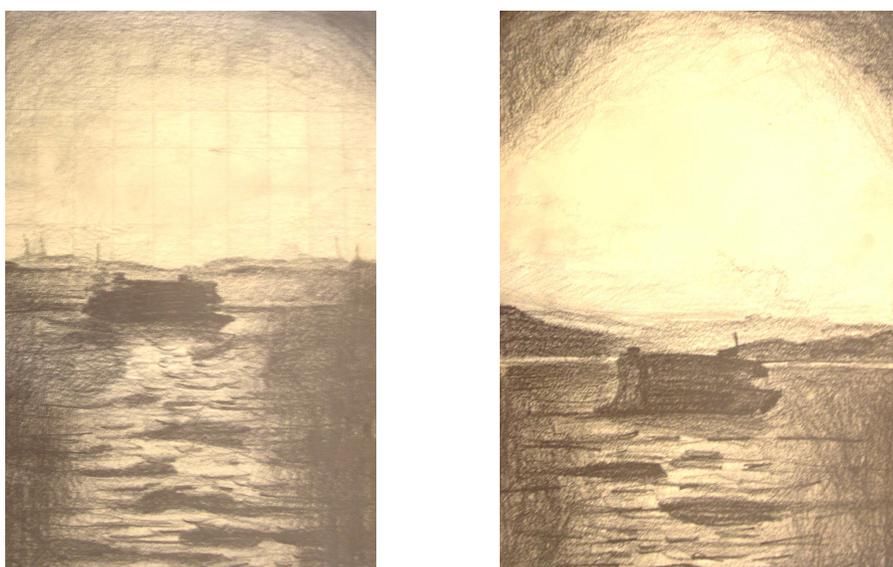


Figura 55: Desenho de Naiara utilizando o lado direito e o esquerdo do cérebro

9ª e 10ª Semana

Nesse encontro foi solicitado para que os educandos trouxessem folhas canson A4 e lápis de cor para desenhar objetos (bonecas (os) e carrinhos de vários modelos).

Os objetos foram expostos sobre as mesas e solicitamos para que os educandos formassem grupos.

Em um primeiro momento os sujeitos realizaram o desenho de observação dos objetos expostos em dois ângulos para que, em uma outra atividade, pudessem desenvolver uma composição, incluindo os objetos desenhados.

Após ter realizado os desenhos de dois objetos em ângulos diferentes, os alunos tiveram que incluir a cor nos mesmos conforme era o objeto exposto. Partindo desse estudo da forma, através do desenho e a aplicação da cor, cada aluno teve que elaborar, através do desenho, uma situação envolvendo os objetos desenhados anteriormente.

Como os sujeitos estavam em pequenos grupos, a interferência do trabalho dos colegas, em alguns casos, foi bem evidente. Houve um caso em que uma educanda desenhou a “boneca pedindo carona”, e a sua colega desenvolveu o mesmo tema, inclusive aplicando os mesmos ângulos. O que diferenciou um trabalho do outro foi o traço e a percepção quanto à tridimensionalidade, o que deixou bem claro a dificuldade desta, referente à Inteligência Espacial.

Foi possível verificar a dificuldade da maioria da turma ao desenvolver essa atividade. Em comentários de “corredores” pudemos constatar que essa dificuldade faz parte de grande parte dos alunos do curso. Os sujeitos que apresentam um pouco mais de habilidade são aqueles que já vêm trabalhando na área há algum tempo e dessa forma vêm desenvolvendo a percepção.

Analisando-se o processo de Fábio, observamos que o mesmo apagou várias vezes o desenho do carrinho a ponto de dizer que tinha desistido, mas com o estímulo da educadora e dos próprios colegas que faziam parte do grupo deu continuidade ao trabalho, mas não conseguiu aplicar a cor.

Pelo fato de estar muito atrasado pela sua dedicação intensa ao desenho do carrinho, Fábio não conseguiu realizar estudos de outros ângulos do mesmo e nem do próprio boneco que estava exposto. Ele simplesmente realizou o desenho desse último aplicando diretamente a “situação” desejada para a construção da sua

composição, sem se preocupar com o desenvolvimento de alguns estudos de diferentes ângulos do objeto.

A distribuição que Fábio aplicou aos objetos não foi muito diferente de toda a turma. Ao ver uma composição onde o soldado tinha sido “atropelado” pelo carro, ele criou uma situação em que o mesmo está segurando uma placa, apresentando a palavra “pare” sob uma faixa de segurança, sinalizando para o carro que vem a sua direção.

A seguir poderemos observar o processo que Fábio desenvolveu, demonstrando insegurança tanto na linha quanto nas próprias cores em que aplicou para a execução do mesmo.



Figura 56: Modelos utilizados por Fábio



Figura 57: Estudo e desenho final do aluno Fábio

Destacamos que toda a forma no tridimensional apresenta a sua complexidade. Nesse aspecto, segundo PIAGET (1994), *apud* GARDNER:

[...] introduziu uma distinção entre o conhecimento “figurativo”, no qual um indivíduo retém configuração de um objeto (como numa imagem mental); e conhecimento “operativo”, onde a ênfase incide em transformar a configuração (como na manipulação desta imagem) (p.139).

Sendo assim, podemos entender que a maioria dos alunos desta turma apresenta o conhecimento do “figurativo”, mas não a capacidade de visualizar uma forma mentalmente e transpô-la ao suporte a partir do tridimensional.

Mesmo executando o conhecimento “figurativo” do tridimensional, Fábio apresentou muita dificuldade na execução desta atividade, bem como para as outras atividades que exigiam o mesmo – a Inteligência Espacial.

O que ficou muito visível, em geral, foi o desenvolvimento da Inteligência Pessoal, pois há um envolvimento bem considerável entre eles. Praticamente em todas as atividades os sujeitos às realizaram em grupos e, além disso, circulavam muito pela sala, passando pelos colegas coletando e trocando muitas informações, inclusive da vida pessoal.

Renata também sentiu dificuldades em desenvolver essa atividade. Na verdade, praticamente todos os alunos, que inclusive realizaram comentários de que é muito complexo desenvolver algo “instantaneamente”.

O que podemos perceber é que Renata adquiriu mais paciência e dedicação a algumas tarefas, principalmente naquelas em que ela nota uma certa melhora. Provavelmente isso ocorreu devido a uma colega de Renata que sempre faz parte do mesmo grupo e que apresenta uma dedicação e acabamento aos seus trabalhos a ponto de Renata observá-la intensamente durante o desenvolver do seu desenho e perceber que é viável a execução das atividades.

Ao desenhar o carrinho, Renata também apresentou muita dificuldade, principalmente quando este estava exposto de frente para ela. A perspectiva aparentemente foi abandonada, sendo que a forma ficou vista de cima e não de frente como estava apresentada a composição para a aluna.



Figura 58: Modelos utilizados por Renata e seus estudos



Figura 59: Desenho final da aluna Renata

Observamos o desenho final de Renata e verificamos que ela também apresenta dificuldade em aplicar a cor. Os alunos alegam que é pelo fato deles não terem aprofundado ainda o estudo de cores que é apresentado em outra disciplina. O fundo utilizado quase em todos os desenhos também não altera muito de desenho para desenho. Sempre há a representação de um céu azul, uma estrada e um verde de vegetação.

Nesta atividade, Ana, diferentemente da turma, encontrou um pouco de dificuldade ao retratar a “boneca” e isso ficou bem visível no seu estudo, mas o que realizou do carro chamou a atenção de muitos colegas da sala, fazendo com que levantassem dos seus lugares e fossem até a sua mesa observar e comentar sobre a qualidade, paciência e acabamento que a colega dispunha na execução dos desenhos.

Sem muita pressa, Ana iniciou o estudo primeiramente do carrinho e em seguida da “boneca”. O que chamou a atenção foi que um colega que estava sentado ao lado dela, ao invés de desenhar observando a composição tridimensional, estava desenhando a partir do desenho de Ana, alegando que achava mais fácil a leitura.

Ana, encontrando dificuldades em desenhar a “boneca”, ao desenvolver a situação em que deveria aplicar as formas estudadas, acabou criando uma nova personagem. Isso fica-nos bem visível, pois podemos observar que ela alterou todos os detalhes, aplicando os já pré-estabelecidos mentalmente através dos cursos de desenhos técnicos realizados. Essa afirmativa foi levantada através da própria aluna que, quando se depara com alguma dificuldade, acaba por usufruir as informações anteriormente registradas e que se assemelham com as que se está trabalhando.



Figura 60: Modelos utilizados por Ana

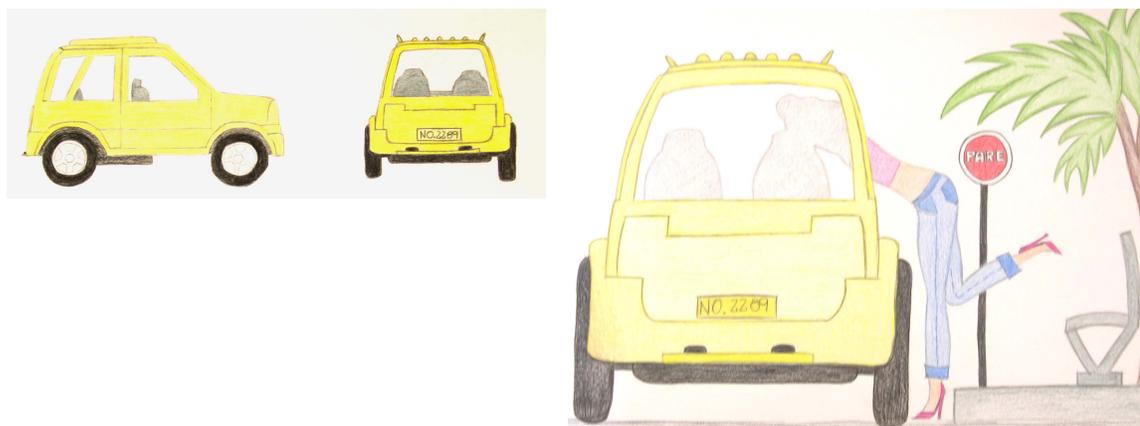




Figura 61: Estudos realizados por Ana e desenho final

Ricardo, assim como Fábio, Renata e Naiara, também encontrou dificuldades em desenhar uma composição através dos seus estudos. Como havia sido comentado que tinham poucos objetos, Ricardo teve que fazer parte de um grupo, para executar os seus desenhos. Neste momento, esse educando juntou-se ao grupo em que Fábio fazia parte, aplicando a mesma composição, porém na sua ilustração final ele acrescentou um cacto. Foi possível observar que Ricardo pouco se concentrou no decorrer desta atividade, provavelmente porque a mesma não lhe chamou muito a atenção, pois pareceu realizá-la com uma certa repulsa.

Ricardo não explorou as cores e nem o possível cenário da sua composição, confirmando a dificuldade que a turma em geral tem em realizar atividades que venham a exigir a elaboração de um espaço, inserindo nele alguns objetos.

Nesta atividade, Naiara demonstrou muito desinteresse no processo do desenho. O acabamento, as cores e a situação que ela inseriu os personagens poderia ter sido bem melhor explorados.

Seu desinteresse foi tanto que ela simplesmente queria entregar apenas os estudos e sem aplicação de cores. Nesse momento, então, foi-lhe solicitado novamente para que aplicasse as cores e criasse uma situação para os personagens que fez os devidos estudos.

Sem muito interesse, Naiara desenvolveu o que lhe foi solicitado, mas sem nenhuma atenção quanto ao acabamento, cores, composição, *etc*, simplesmente quis executar para entregar. Em nenhum momento deteve uma atenção nos objetos para melhor desenvolver a situação em que estaria inserindo os seus personagens.



Figura 62: Estudos realizados por Naiara

Fica-nos bem visível neste desenho o desinteresse da aluna quanto ao processo e o resultado do mesmo. As formas são colocadas aleatoriamente sem nenhuma preocupação aparente e os “bonecos” continuam com poucos detalhes semelhantes aos desenhos dos estudos.

11ª Semana

Nesse encontro foi apresentada aos alunos uma fita de vídeo com algumas possibilidades de aplicação de técnicas, como por exemplo pastel seco, aquarela, entre outras, como um auxílio e ampliação do conhecimento quanto às diferentes possibilidades de materiais, já que o tempo em sala de aula não iria nos permitir fazer algumas experimentações.

O aprofundamento desse encontro foi sobre as Inteligências Múltiplas de Howard Gardner. Foi apresentado em transparência um texto (apêndice 2) sobre as Inteligências Pessoais (Inter e Intrapessoais), Cinestésico-Corporal e Espacial,

sendo que antes da apresentação do texto foi feita uma explanação do porquê que se estava apresentado aquele autor e um dos seus respectivos textos.

A maioria dos sujeitos ficou um pouco confuso quanto ao texto, como era de se esperar, mas, no momento em que foi colocado o texto e a sua devida importância na pesquisa juntamente com o desenho, os educandos passaram a entender, inclusive houve uma discussão de qual seria a inteligência que o sujeito tem mais ou menos desenvolvida. Em muitas ocasiões posteriores a esse encontro, quando os mesmos tinham alguma dificuldade em desenvolver certas atividades, já havia a justificativa pronta da ocorrência de uma “deficiência” a alguma determinada situação a ser explorada/desenvolvida. Os educandos diziam que era devido a pouca exploração daquela inteligência na sua infância, o que justificou um bom entendimento quanto ao assunto.

Após várias discussões sobre o assunto, foram feitas algumas perguntas (apêndice 3) aos educandos sobre a relação do desenho de observação e o desenvolvimento das inteligências acima comentadas, quais eles teriam mais ou menos desenvolvidas e se para eles o desenho de observação poderia auxiliar no desenvolvimento dessas.

Ao serem feitas as perguntas, os alunos ficaram um pouco assustados porque o derivava de uma teoria e as repostas (avaliação) seriam pessoais. Fábio detectou que quanto à auto-avaliação das três inteligências explicadas anteriormente, no que se refere ao desenvolvimento, alegou que tem a interpessoal mais desenvolvida, pois se comunica facilmente com os colegas e troca experiências “*mas tenho que desenvolver as demais*”. Quanto a menos desenvolvida, para Fábio é a espacial, pois ele afirmou não ter “*noções de espaço no desenho*”.

Quanto à questão se o desenho de observação poderia servir como um suporte para o desenvolvimento de alguma das inteligências citadas, Fábio respondeu que quanto às Inteligências Pessoais ele estava percebendo uma evolução e expansão, inclusive no próprio desenho. Ao responder a questão que se referia ao desenvolvimento da motricidade fina e/ou ampla ele acredita ter mais desenvolvida a fina, mas está aprofundando a ampla, pois “*estou aprendendo a utilizar o espaço inteiro*”.

Para Fábio o desenho tem muita valia quanto ao desenvolvimento das Inteligências Espaciais, Cinestésico-Corporal e Pessoais, pois permite refletir quanto

ao espaço, perder o receio a novos materiais e melhorar o próprio traço, além de ampliar consideravelmente as relações intra e interpessoais.

Renata também afirmou ter desenvolvido mais a inteligência interpessoal. Isso ficou bem visível no decorrer das aulas. A menos desenvolvida para ela foi a espacial “*por não lembrar das atividades feitas anteriormente sem ver*”, mas não simplesmente por esse fato, ela sempre encontrou muita dificuldade quanto ao desenvolvimento de atividades que exigiam dela a Inteligência Espacial.

Quanto ao desenho auxiliar no desenvolvimento das inteligências, Renata acredita que é possível. Para ela houve uma ampliação da Inteligência Cinestésico-Corporal, pois passou a utilizar materiais sem muito receio, a intrapessoal pelo fato de “*pedir informações aos amigos*” e a interpessoal pela facilidade de se aproximar até eles e proporcionar uma troca de experiências.

Para Renata, quanto à motricidade, ela comenta que tem a ampla mais desenvolvida, afirmando que isso ocorre pelo fato de ocupar um espaço maior que o próprio suporte a oferece, mas se olharmos os desenhos, verificaremos que não apresenta os mesmos, maiores que as folhas em que desenhou, inclusive em alguns casos fica bem visível a motricidade fina devido à sutileza do seu traço.

Para Ana não foi muito diferente, ela também confirmou ter desenvolvido mais a inteligência inter e intrapessoal, inclusive quanto a sua timidez perante aos colegas e que agora havia sido superado boa parte “*facilitando o relacionamento com as pessoas e falar em público*”. Quanto à inteligência menos desenvolvida, Ana acredita ser a Cinestésico-Corporal, pois “*sinto que preciso trabalhar mais nesse sentido*”.

Quanto ao auxílio do desenho de observação no desenvolvimento das Inteligências Espacial, Cinestésico-Corporal e as Pessoais, Ana acredita que a espacial melhorou consideravelmente e é a que mais se percebe resultados positivos, pois aprimorou a sua “*visibilidade, maior observação de situações e objetos e percepção de proporções*”. Já, a Cinestésico-Corporal ela acredita que há a necessidade de muita prática para que possa ocorrer uma melhora considerável.

Nas Inteligências Pessoais, Ana afirma que o desenho interferiu na intrapessoal, deixando-a bem mais calma e aprimorando a sua paciência. Na interpessoal “*os grupos de desenho proporcionaram uma integração na turma, e as experiências alheias acabaram enriquecendo o repertório*”, permitindo um desenvolvimento considerável para Ana nas Inteligências Pessoais.

Por sua vez, Ricardo afirmou ter mais desenvolvida a Cinestésico-Corporal contradizendo-se mais adiante quando menciona ter a mesma como uma dificuldade quanto vai trabalhar com diferentes materiais. A menos desenvolvida seria a espacial, *“porque não tenho muita praticidade em desenhar aquilo que eu imagino”* e, em vários casos, inclusive o que ele observa.

Quanto à influência do desenho de observação no processo do desenvolvimento das três inteligências, Ricardo afirma que quanto a espacial *“eu tive uma melhora na percepção de espaço”* e que na cinestésico-corporal tem dificuldades *“pois não tenho muita praticidade de trabalhar com materiais novos, tendo um certo receio no tamanho e principalmente nos traços do desenho”*.

Já, no que concerne às Inteligências Pessoais, Ricardo afirmou não se esforçar muito para desenvolvê-las até porque *“não gosto de trabalhar com o meu lado sentimental e nem com troca de informações, pois não gosto de trabalhar com uma outra influência”*.

Naiara diz ter mais desenvolvida a Inteligência Cinestésico-Corporal *“pois tenho mais facilidade nesse aspecto de coordenação, como por exemplo, a motricidade ampla”* e para ela, a interpessoal *“também é bem desenvolvida, pois gosto de conhecer e me relacionar com pessoas”*. Quanto a menos desenvolvida, para ela é a espacial pelo fato de que consegue imaginar as formas tridimensionalmente, mas encontra muita dificuldade em *“desenhar o que vejo na minha cabeça”*.

Na questão do desenho de observação como suporte para a evolução-melhora das inteligências, Naiara diz que a Cinestésico-Corporal, assim como a espacial, precisa ser mais explorada, mesmo que já tenha ocorrido uma melhora considerável. Quanto às Pessoais *“está melhorando conforme a convivência com outras pessoas que possam ajudar nisso”*.

Para Naiara a Inteligência Cinestésico-Corporal tem muita importância, principalmente em seu desenho porque *“gosto de ir riscando e corrigir os erros depois tenho pressa em ver o trabalho pronto, o que é um defeito, talvez [...] gosto muito de experimentar coisas novas, novas experiências”*, conformando assim o que já havia sido comentado anteriormente da ansiedade de concluir rapidamente as suas atividades, resultando às vezes em trabalhos precários.

Neste encontro ficou claro a importância e a prática do desenho em sala de aula para o desenvolvimento dessas inteligências, onde através de algumas

indagações realizadas pela pesquisadora, os alunos puderam confirmar que com as atividades desenvolvidas é possível aprimorar as mesmas, desde que haja uma persistência e empenho do sujeito e do educador no decorrer do processo.

Em conversa informal com a turma, pode-se observar a importância dos encontros terem sido realizados em pequenos grupos, pois a maioria alegou ter sido de uma importância considerável para o desenvolvimento das Inteligências Pessoais, tanto Intra quanto Interpessoal.



Figura 63: Aula de desenho de observação, onde a maioria era realizada em pequenos grupos.

12^a, 13^a e 14^a Semanas

Nestas semanas, o processo foi praticamente o mesmo, alterando-se apenas o tema trabalhado em sala de aula. Com essa atividade pretendemos enfatizar mais a Inteligência Espacial, pois, segundo os depoimentos, essa é a que os alunos mais tiveram dificuldades em desenvolver. Pelo fato das ilustrações serem apresentadas apenas com sombras (resultando em formas), os educandos tiveram que visualizar a forma tridimensional sugerida através dessas.

Por existir um roteiro para desenvolver com a turma (plano de ensino), nestes encontros foram trabalhadas imagens de detalhes do rosto: olhos, narizes e bocas. Foram apresentadas para cada aluno ilustrações dessas formas para que em uma

folha tamanho A5 e lápis 6B desenhassem as diferentes posições de cada forma para que em um segundo momento pudessem usufruir o próprio colega para observarem e desenharem.

Muitos sujeitos encontraram dificuldades principalmente na atividade que utilizariam o colega como modelo. Pelo fato de estar desenhando a partir de um “modelo”, permitiu aos alunos uma certa inibição quanto ao desenho, pois além de estar desenhando o próprio colega, a questão em desenhar detalhes da figura humana, como eles mesmos afirmaram “*é muito complexo*” e deixavam, em vários momentos, de ver as formas apenas como linhas, sem ter que nomeá-las. Dessa maneira o lado esquerdo do cérebro interferia no processo nomeando-as, que neste caso eram os “olhos, bocas e narizes”.

Enquanto estavam observando as ilustrações para desenhar, a única dificuldade que os sujeitos encontraram foi em alguns casos em que as imagens não ficavam muito claras. Eles não conseguiam identificar as formas que resultavam a partir das sombras. Abaixo estão expostas as imagens trabalhadas com a turma.

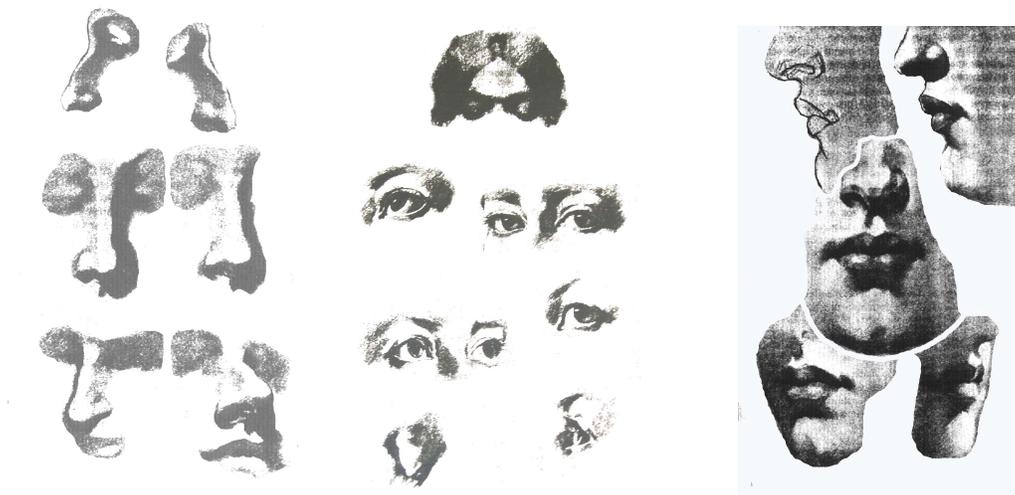


Figura 64: Estudos de olhos e narizes através de sombras. “O desenho da figura Humana” de J. H. Vanderpoel

Fábio encontrou um pouco de dificuldades ao desenhar os olhos a partir das ilustrações devido às sombras que as imagens proporcionavam, mas após ter sido orientado pelo educador, ele conseguiu deixar de ver as imagens como olhos e, sim, como formas resultantes de sombras.

Após realizar os desenhos de todas as formas ilustradas, Fábio escolheu desenhar os olhos de seu colega de grupo, pois a intenção da atividade era que, após desenhar as ilustrações, os alunos deveriam escolher um colega para desenhar duas das três propostas acima citadas, por exemplo: os olhos e o nariz do colega, o nariz ou a boca, a boca e os olhos, etc.

Fábio optou por desenhar os olhos e a boca, sendo que no segundo, devido ao tempo (14º encontro), houve um desleixo por parte do educando. Quanto aos olhos, ele tentou captar ao máximo a expressão do olhar do colega, mesmo reforçando o traço do contorno dos olhos que não há necessidade, pois não temos linhas e sim contornos sombreados.



Figura 65: Desenho de observação realizado por Fábio

Renata apresentou mais dificuldades que Fábio, tanto nos desenhos ilustrados quanto nos que usou modelo. Devido a sua insegurança quanto ao desenho em geral, nesta atividade se demonstrou mais apreensiva pelo fato de estar trabalhando com a figura humana.

No decorrer das atividades que realizou através das ilustrações, Renata conseguiu desenvolver os desenhos com um pouco de dificuldade, semelhante à de Fábio, mas no momento em que conseguiu ver as sombras como formas e deixou de nomeá-las, conseguiu realizar as atividades com êxito.

A sua dificuldade maior foi no momento em que utilizou o modelo para desenhar. Renata optou também por desenhar os lábios e os olhos de uma de suas colegas de grupo. Ficou bem visível o traço rígido no seu desenho, de muita

insegurança, parecendo ocorrer um certo medo e receio quanto ao desenho da figura humana, que acaba por prender o traço do aluno.

Renata demorou a começar o desenho de observação com modelo, não tinha noção de por onde dar início à atividade, pois agora a imagem deixou de ser bidimensional e passou a ser tridimensional, sem poder rabiscar e estudar as linhas ali observadas. Isso fez permitir uma maior concentração por parte do aluno, pois a imagem agora vista, deveria ser diretamente transposta ao papel, sem poder rabiscar para verificar a distância entre uma linha (resultando na forma) e outra apresentada pelo modelo.

Essa atividade possibilitou uma maior memorização das formas, pois elas deveriam ser observadas atentamente, posteriormente registradas, onde o sujeito voltava-se ao suporte (folhas sulfite tamanho A5), e deveria registrar o que havia visto. Isso permitiu com que os educandos praticassem a Inteligência Espacial, pois tinham que utilizar a mesma para executar a atividade, por mais que o modelo estivesse a sua frente.

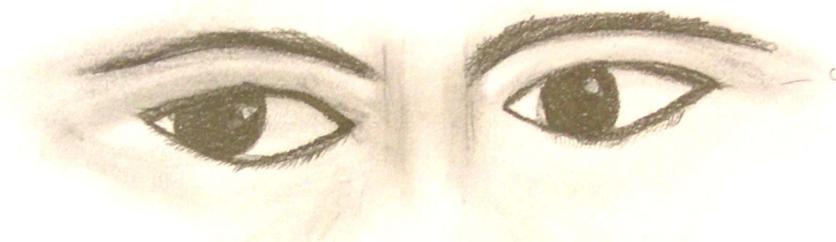


Figura 66: Desenho de observação realizado por Renata

Pelo fato de Ana estar cursando, paralelamente, curso de desenho, ela não sentiu muita dificuldade de realizar esta atividade, mesmo sendo figura humana. O único obstáculo que se deparou foi quanto à “complexidade” das sombras oferecidas pelas ilustrações, pois a confundiu muito quanto à forma geral.

Assim como a turma toda, Ana não conseguia identificar a forma do olho que estava direcionando o olhar para baixo, pois a forma não deixa claro o tema representado. Dessa forma, nesta ilustração é que os alunos conseguiram



compreender que a sombra pode resultar em uma forma e que ela isolada pode ser, às vezes, incompreensível, assim como a forma do nariz anteriormente citado.

Ana, após terminar de desenhar as ilustrações (14ª aula), sem muita dificuldade escolheu o modelo (sua colega de grupo) e começou a desenhar os olhos e posteriormente a boca, assim como praticamente toda a turma. Com um pouco de demora, assim como em todos os seus desenhos, Ana conseguiu transpor para o papel a expressão do olhar da colega bem como dos lábios, o que gerou novamente, entre os seus colegas, comentários sobre a semelhança entre o desenho e o modelo.

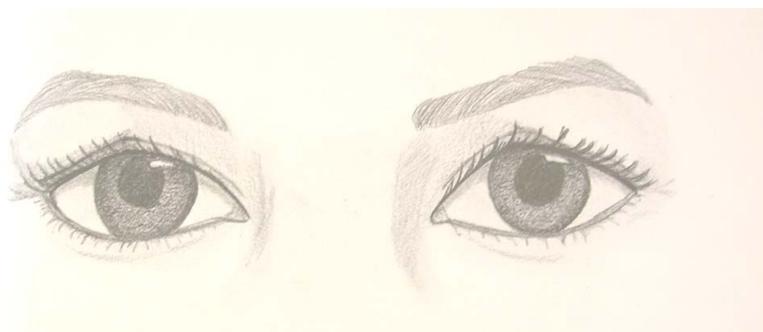


Figura 67: Desenho de observação realizado por Ana

Pelo envolvimento adquirido por Ricardo no decorrer dos encontros, ele conseguiu rapidamente desenhar todas as ilustrações e nos últimos encontros ele demonstrou mais segurança e desenvoltura na execução das atividades, onde ele mesmo afirmou sentir isso comparando aos encontros anteriores. Dessa forma ficou claro que o desenho auxiliou Ricardo quanto às Inteligências Pessoais, pois sua comunicação e comportamento quanto aos seus colegas evoluiu consideravelmente, permitindo um progresso quanto ao desenho de observação.

O desenho que Ricardo realizou usando modelo demonstra ainda um pouco de insegurança. Ao observar atentamente o desenho, percebe-se que esse educando ainda tem dificuldades quanto à noção de distanciamentos entre as linhas, permitindo uma distorção se compararmos ao desenho de Ana que utilizou o mesmo modelo que Ricardo.

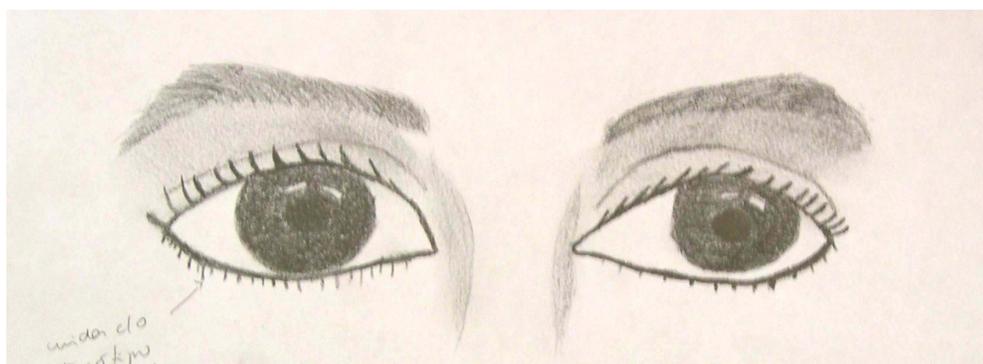


Figura 68: Desenho de observação realizado por Ricardo

Naiara, no decorrer desses últimos encontros, nas primeiras atividades dessa série demonstrou um certo empenho, mas depois houve um desleixo da sua parte, o que reduziu a qualidade de seus trabalhos.

No próprio depoimento, Naiara diz que não tem *“paciência para desenhar, quero logo ver o resultado e isso prejudica o meu trabalho”* Por ter sido orientada para que realizasse o oposto, ela conseguiu nos primeiros trabalhos desta série uma boa qualidade, mas não manteve até o final da atividade.

A qualidade dos desenhos de observação nessas últimas atividades não ficou tão evidentes, se compararmos aos anteriores, principalmente quando Naiara utilizou seu colega de grupo como modelo. Seus traços demonstraram uma certa desatenção quanto à qualidade, composição e proporção, realizando a atividade por *“mera obrigação”*.

15ª Semana

A décima quinta semana foi o nosso último dia de aula devido ao calendário da instituição, optamos por realizar desenhos de observação usando a memória como meio de registro.

Pelo fato de termos trabalhado intensamente algumas formas (desenho de observação de alguns objetos e ilustração) solicitamos aos alunos as seguintes atividades com o intuito de verificar a capacidade da Inteligência Cinestésico-Corporal e a Espacial, já que as Pessoais (Intra e Interpessoal), segundo os próprios sujeitos, estavam bem mais desenvolvidas.